

Em fevereiro, (re)encontre-se com o seu Museu



Horário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Período de inverno
1 de outubro até 31 de março

Terça-feira a domingo e feriados
09h30 às 17h00

Encerramento às segundas-feiras

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Terça, quarta e quinta-feira
09h30-12h00 / 13h30-16h00

Sexta-feira e sábado
17h00-20h00

Encerramento aos domingos
e segundas-feiras

Preçário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Ingresso individual **2.00€**

Jovens entre os 15 e 25 anos
Reformados
Idade igual ou superior aos 65 anos
Docentes
Cartão Jovem Municipal
Grupos de 10 ou mais pessoas **1.00€**

Crianças até 14 anos
Visitas de estudo
Domingos **Entrada Grátis**

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Entrada Grátis

Moradas e Contactos

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)

Ladeira de São Francisco,
9700-181 Angra do Heroísmo
+351 295 240 800

Latitude 38.6569297
Longitude -27.2167038

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Rua da Boa Nova,
9700-031 Angra do Heroísmo
+351 295 218 383

Latitude 38.653773
Longitude -27.223600

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Outeiro do Galhardo, 13A, Ladeira Grande
9700-353 Angra do Heroísmo
+351 295 248 968

Latitude 38.6575237
Longitude -27.1605434

Siga-nos
nas nossas
redes sociais



@MuseuDeAngraDoHeroismo



@museu.angra



museu-angra.azores.gov.pt

English Version





O Outro Ouro Branco

Oficina de fabrico de queijo. Dinamização da exposição "As mulheres da terra"

5 de fevereiro, 15h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Monitor: **José Drumonde**

Público alvo: **10 adultos**

Custo: **10€** (valor a pagar ao formador)

Frequência dependente de inscrição prévia através do e-mail

museu.angra.agenda@azores.gov.pt

ou do telefone **295 240 800**



05

Truques Simples Para Cozinhar Sem Alergénios

Workshop de cozinha consciente. Dinamização da exposição "As mulheres da terra"

12 de fevereiro, 15h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Monitora: **Ana Rita Carvalho**

Público alvo: **10 adultos**

Custo: **10€** (valor a pagar à formadora)

Frequência dependente de inscrição prévia através do e-mail

museu.angra.agenda@azores.gov.pt

ou do telefone **295 240 800**

Colaboração



12

Peixe Fresco

Encontro de desenho à vista. Dinamização da exposição "Retratos de Meros"

12 de fevereiro, 14h00 Auditório do Edifício de São Francisco

Regime de livre acesso

Colaboração





A Defesa Antiaérea da Baía e da Cidade de Angra do Heroísmo

Conferências na Boa-Nova

16 de fevereiro, 20h00 Núcleo História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Conferencista: **Jaime Regalado,**
técnico superior do MAH

Núcleos expositivos e reservas de Uniformes, Armas Ligeiras e Pesadas em regime de livre acesso.



16

Museu Adentro 20 / O Modelismo à Escala e a História

Mostra de um modelo de *Short Sunderland MK.III*

19 de fevereiro, 15h00 Edifício de São Francisco

Conferencista: **José Pedro Pires,**
aeromodelista e colaborador da revista *Airfix Model World*

Regime de livre acesso



19

Lavrador por 3 Horas

Saída de campo a uma exploração de gado do Ramo Grande

Dinamização da exposição "As mulheres da terra"

26 de fevereiro, 14h00 Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes

Concentração **Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes**

Público alvo: **8 crianças,**

acompanhadas por adulto com transporte próprio

Frequência gratuita dependente inscrição prévia através do mail

museu.angra.agenda@azores.gov.pt

ou do telefone **295 240 800**



26





Retratos de Meros

Ilustração científica de João Pedro Barreiros

22 de janeiro a 27 de março, Sala do Capítulo



Os meros do Mundo, peixes ósseos pertencentes à família *Epinephelidae*, contam presentemente cerca de cento e sessenta espécies. Nesta exposição, apresentam-se quarenta ilustrações originais que retratam espécies de meros provenientes de todo o Mundo. A escolha das espécies teve em conta, essencialmente, aspetos relevantes que cada uma delas pode representar e que vão desde a sua distribuição geográfica (ampla ou limitada), comportamentos, importância pesqueira, características emblemáticas ou mesmo questões meramente estéticas e necessariamente subjetivas. A maior parte dos meros habita águas temperadas-quentes a tropicais e profundidades até duzentos metros, embora existam espécies, mais profundas e algumas ocasionais, em latitudes mais elevadas. Cerca de 75% de todas as espécies conhecidas ocorrem no Índico-Pacífico. Os meros são hermafroditas protogínicos pelo que todos os indivíduos nascem fêmeas, invertendo o sexo para machos quando atingem determinado tamanho. Muitas espécies dependem de agregações específicas concentradas no espaço e no tempo para se reproduzirem. Um número significativo é alvo de algum tipo de pesca dirigida e cerca de 13% encontra-se registada como estando num determinado estado de ameaça pelos critérios do Grupo de Especialistas de Meros e Bodiões da União Internacional para a Conservação da Natureza.





As mulheres da terra

Fotografia de Rui Caria

28 de janeiro a 21 de maio, Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes



Lisandra, Beatriz, Virgínia, Verónica, Denise, Nélia, Isilda e Urselina, são os nomes de oito mulheres açorianas com idades entre os 21 e os 80 anos. Algumas trabalham a tempo inteiro nas terras, cuidando dos animais, outras fazem-no como segunda ocupação, ajudando a família nesta dura atividade diária que é uma das principais fontes de rendimento de tantas famílias da Ilha Terceira. Num trabalho, predominantemente, realizado por homens, estas mulheres são como um raio de sol no inverno. Mostram a força do seu ser, sem limitações ou preconceitos. E mesmo quando algumas dizem ir apenas "ajudar os maridos", percebe-se, ao vê-las trabalhar, que elas não ajudam; elas fazem o que é preciso ser feito. Esta mostra é uma menção a todas as mulheres que escolhem, todos os dias, os trabalhos mais severos e com eles fazem o bailado da vida.



Fear.Exodus.Chaos.Nothing.Fear.

Desenho de Manoel Barbosa

13 de novembro a 20 de fevereiro de 2022, Sala Dacosta

Os desenhos exibidos foram, na sua maioria, criados entre abril de 2020 e agosto de 2021, em Lisboa, Nova Iorque, Gstaad e em Como, refletindo as ressonâncias da pandemia, que se traduziram, no dizer do autor, em "muitos surpreendentes traços, manchas, espaços, num constante entusiasmo desafiante". A estes juntaram-se outros dois, realizados em Lisboa, que resultam da constatação de "serenidades e regressos a quotidianos ainda tímidos, a ambições de renovadas e esperançosas vidas, atividades, relações, companheirismos." Estão propositadamente colocados no Museu de Angra do Heroísmo, tal e qual como Manoel Barbosa os pendurava, para observá-los para eventuais alterações ou sentindo-os concluídos. Com pregos, pregos que evocam o sofrimento que afligiu a humanidade em 2020.





A Aviação e a Batalha do Atlântico Uma Perspetiva à Escala

Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico
19 de fevereiro a junho



José Pedro Pires é um jovem enfermeiro terceirense que desenvolveu uma forte paixão pelo aeromodelismo e pela investigação histórica que lhe está associada. Nos últimos anos, montou largas dezenas de modelos de aviões, com grande rigor e impressionante detalhe, em colaboração com a prestigiada revista britânica *Airfix Model World*, líder do sector. Recentemente, decidiu doar alguns modelos ao MAH, tendo selecionado para mostra precisamente o *Short Sunderland MK.III*, modelo de uma aeronave britânica, que se distinguiu na II Guerra Mundial, no combate à ameaça dos submarinos alemães.



Garbo Marcial Protótipo Português de Capacete de Espigão para Oficial do Corpo de Estado-maior

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima
15 de fevereiro a maio de 2022

Este capacete é o único exemplar conhecido dum pequeno número de protótipos que antecederam estes capacetes de espigão, adotados com o plano de uniformes de 1885 e que se mantiveram em uso até ao fim da monarquia. Após o desastre francês na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), qualquer influência uniformológica francesa soaria a uma evocação dessa derrota militar. Assim, o capacete de espigão (*pickelhaube*) foi adotado pela maioria dos exércitos europeus, bem como pelos Estados Unidos da América e pelo Brasil, entre outros. Os capacetes portugueses deste tipo assumiram uma identidade muito própria, resultante dum misto de influências germânicas e britânicas. Geralmente em couro envernizado ou em feltro, com as espigões dourados a terminar em achas de armas, guarnições em metal dourado ou prata e, quando em grande uniforme, com penachos de penas, por vezes com tope de cor, ou ainda sedas de búfalo ou de iaque, projetavam uma imagem de garbo marcial que marcou a imagem militar dos impérios europeus do último quartel do século XIX.



A Numária da China e das suas dependências culturais

A doação do professor Luís Filipe Thomaz | 2.ª Parte
Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico

A numária imperial chinesa apresenta desde logo caracteres particulares que se manterão até finais do século XIX, tanto na China como nos países por ela influenciados, como o Japão, a Coreia e o Vietname. A partir do século III A. C., as moedas são todas redondas, fundidas quase só em cobre e nas suas ligas, o bronze e o latão, e com um furo ao centro, para poderem circular aos centos enfiadas em barraços. Os cunhos reduzem-se a caracteres chineses, em regra quatro, não ocorrendo quaisquer figuras, e os reversos são lisos. São designadas em português por sapecas, termo de origem malaia ou javanesa, que significa "um cento", mas que se usou desde logo para designar cada unidade. Conhecem-se também por caixas, termo de origem dravídica (sul-indiana), que significa "pequena moeda". As primeiras moedas circulares lavradas em prata pelo estado, conhecidas em português por patacas, de tipo semelhante ao das moedas da Europa, do Mundo Muçulmano, da Índia e do Sueste Asiático, à exceção do Vietname, surgiram apenas em 1889, quando a tendência para a mundialização da moeda atingiu a região.



Novos Tempos - Velhas Soluções

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima
16 de novembro a 14 de fevereiro de 2022



Esta armadura de trincheira alemã – *sappenpanzer* – do período da 1.ª Grande Guerra, constitui anacronicamente um exemplo paradigmático da utilização de uma velha tecnologia num contexto técnico e tático substancialmente diferente, dado que o emprego em larga escala de metralhadoras automáticas mudou por completo a face da guerra na Europa nessa época. As metralhadoras, ditas pesadas, montadas em posições fixas, em numerosas pontas das longas linhas de trincheiras, tiveram então um papel fundamental na contenção dos assaltos de Infantaria, pelo que para proteger o seu atirador foram adotadas couraças como esta, constituídas por um peitoral em aço do qual suspendem várias placas, também em aço.



Vitrine de Curiosidades

Bica e Resguardo de Arquinha

Edifício de São Francisco | Memórias

11 de janeiro a 9 de fevereiro



As arquinhas eram pequenos reservatórios de água alimentados a partir de um depósito maior, ou tanque de rega, localizado a cotas mais elevadas do que aquelas. Das arquinhas, enquanto depósitos intermédios, partiam condutas ou canalizações em barro que alimentavam chafarizes públicos e privados. Em algumas paredes ainda subsistem arquinhas reconhecíveis pela porta que se lhe punha para maior segurança e garantia de limpeza e potabilidade da água. Ao lado, ou próximo, era frequente estar uma bica de onde os passeantes ou moradores das redondezas se podiam abastecer. Algumas ainda podem ser encontradas pela cidade, mas ao tornarem-se obsoletas no sistema de distribuição de água, a sua função foi sendo esquecida. A peça apresentada, que integra a Unidade de Gestão de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo, é a bica e o respetivo resguardo de uma arquinha que foi retirada, em 1985, de um prédio na Rua da Pereira, em Angra do Heroísmo, no contexto da intervenção em grande parte dos imóveis da cidade que ocorreu no pós-sismo de 1980.

Miniatura de "Dança Popular"

Edifício de São Francisco | Memórias

8 de fevereiro a 6 de março



Esta miniatura de uma "Dança Popular", feita por crianças da Escola Mista da Ladeira Grande, sob a orientação da sua professora, retrata uma dança de Carnaval, tal como seria vista na década de 50 do século passado. É composta por bonecos de pano que, na sua aparência de antigos cavaleiros, representam o mestre, os dançarinos, os tocadores e o ratão das danças desse tempo. Os dois primeiros vestidos com trajes brancos, faixas vermelhas e douradas cruzadas sobre peito e cingidas à cintura, e uma espécie de coroa (ou tiara) na cabeça, e o último, uma figura de velho trocista, caricaturado em roupas andrajosas e desajeitadas. Pertencente à Unidade de Gestão de Etnografia do Museu de Angra do Heroísmo, esta peça documenta a tradição popular das danças de Entrudo da ilha Terceira, enquanto celebrações dos aspetos mais físicos e efémeros da vida como o corpo e a palavra.

Beleza e Eficiência

Aerogare Civil das Lajes

14 de dezembro a março de 2022

A máquina registadora, inventada em 1879, por James Ritty, dono de um bar de Dayton, nos Estados Unidos da América, representou uma evolução significativa em setores como o comércio e a contabilidade. Para além de terem possibilitado um processamento das transações mais rápido e fiável, a impressão de recibo servia para conferir qual a transação efetuada e a respetiva tipologia de produto. Este exemplar, que integra a Unidade de Gestão de Ciência e Técnica do Museu de Angra do Heroísmo, destaca-se pela sua belíssima ornamentação art nouveau. Corresponde ao modelo 600, apenas vendido na Europa, que era produzido pela National Cash Register Company, firma fundada, em 1884, por John Henry Patterson, que comprou a patente da invenção. Foi adquirida em 1976 pelo Museu de Angra do Heroísmo, ao retalhista Joaquim A. Bogas da Fonseca, em Lisboa.



Mascarados de Veneza

Direção Regional da Cultura /
Palacete Silveira Paulo

17 de janeiro a 14 de março

A prática de mascarar, que é o mesmo que dizer ocultar o rosto, cobrindo-o com uma máscara, enraizou-se, desde o século XI, nos hábitos quotidianos de Veneza, encontrando-se presente nos mais diversas cerimónias de cariz religioso, político e diplomático. Como tal, não será de estranhar que – neste ambiente social, onde individualmente todos os momentos da vida cívica e todos os comportamentos seriam observados e avaliados pela comunidade, no seu todo – o uso de máscara, repetido e recorrente, invadisse festividades. Assim tomou-se requisito, quase obrigatório, durante o Carnaval, essa expressão máxima de folia que, durante séculos, se estendeu por cerca de seis meses, desde outubro até às festas da Ascensão, apenas com uma pausa na Quaresma. Nesse período, todos saíam à rua, do Doge ao mais miserável dos mendigos, e a bauta – máscara complementada com capuz de seda negra a que se juntava um tricórnio –, a garantir o anonimato, tornou-se célebre. Toda a Europa era atraída para este Carnaval.





Visitas Guiadas à Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil

Terça a domingo
10H00 - 12H00 e 14H30 - 16H30

Ingresso no valor de 5€ inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

Frequência limitada a 15 pessoas por grupo
Agendamento através do telefone **295 218 383** ou do e-mail **museu.angra.info@azores.gov.pt**

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.



Terra à Vista



Através de pequenas narrativas, jogos de exploração e atividades lúdicas, pretende-se que os mais novos percecionem a influência dos descobrimentos na conceção do mundo, se inteirem da vida a bordo de naus e caravelas e avaliem o esforço e engenho inerente ao processo de povoamento das ilhas.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária

Em Viagem com o Coelhoinho de Dacosta



Há um coelhinho perdido no claustro do MAH. Com a ajuda dos meninos, terá de reencontrar o caminho para a sua ilha encantada, viajando pelo interior das telas deste pintor terceirense, num percurso mesmo muito atribulado. Uma vez terminada a viagem, vamos visitar A Menina da Bandeira que mora connosco no MAH.

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo

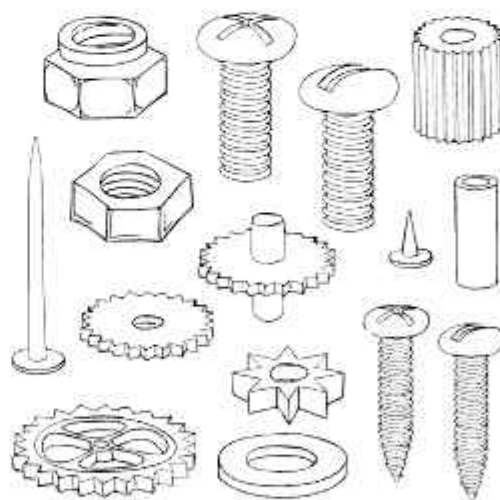
Meros Voadores



Nesta visita orientada à exposição *Retratos de Meros*, dão-se a conhecer características emblemáticas de diferentes espécies retratadas que habitam nos mares do mundo. De seguida, inspiramo-nos nos desenhos de João Pedro Barreiros para decorar papagaios de papel, criando um inusitado cardume de meros voadores.

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo

Pregos, Tachas, Parafusos e Outros Materiais de Pintura



Depois de uma visita à exposição de desenhos de Manoel Barbosa, vamos recorrer a materiais improváveis e a muito sentido de humor e imaginação para criar pequenas composições gráficas que têm por base as obras expostas.

Público-alvo: adaptável em função da faixa etária

Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>. Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt.

Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.



1º Momento



2º Momento



3º Momento



4º Momento



Edifício de São Francisco Memórias



Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia



O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

Portugal, os Açores e a Grande Guerra



Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e fílmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

Igreja de Nossa Senhora da Guia



A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mor; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Reserva de Espécies em Pedra: As Pedras dos Homens



A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

Reserva de Transportes dos séculos XVIII, XIX e XX



No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências, bem como um exemplar de Ford T, o primeiro carro a ser produzido em série, revolucionando a indústria automóvel.

E o Aço Mudou o Mundo: Uma Bateria Schneider-Canet nos Açores

A bateria de 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanhar a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.





O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representadas as três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono Manuel Coelho Baptista de Lima e a história do próprio edifício. Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento. O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



Da Flecha ao Drone

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tomando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfregística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.



Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a gênese da ação pública regional nesta área.



O Hospital Real da Boa Nova

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes. Tendo a sua raiz primeira no hospital de campanha trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova. Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da Fenix Angrense e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.





A Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes funciona, desde 9 de outubro de 2020, como um núcleo do Museu de Angra do Heroísmo, na sequência da sua doação à Região Autónoma dos Açores pelo seu fundador, cujo nome ostenta, conceituado artista plástico na área da pintura e da escultura. Fundada em 17 de julho de 2004, a Carmina Galeria foi durante oito anos um polo difusor da Arte Contemporânea na ilha Terceira, assumindo-se como um laboratório de artes e um espaço aglutinador de diferentes expressões culturais, pretendendo-se que continue a afirmar-se como um centro de referência para a divulgação, reflexão e fruição ao nível das diferentes áreas artísticas.

